

A VIDA

“A vida decepçiona-o para você parar de viver com ilusões e ver a realidade.

A vida destrói todo o supérfluo até que reste somente o importante.

A vida não te deixa em paz, para que deixe de culpar-se e aceite tudo como “É”.

A vida vai retirar o que você tem, até você parar de reclamar e começar agradecer. A vida envia pessoas conflitantes para te curar, pra você deixar de olhar para fora e começar a refletir o que você é por dentro.

A vida permite que você caia de novo e de novo, até que você decida aprender a lição.

A vida lhe tira do caminho e lhe apresenta encruzilhadas, até que você pare de querer controlar tudo e flua como um rio.

A vida coloca seus inimigos na estrada, até que você pare de “reagir”.

A vida te assusta e assustará quantas vezes for necessário, até que você perca o medo e recupere sua fé.

A vida tira o seu amor verdadeiro, ele não concede ou permite, até que você pare de tentar comprá-lo.

A vida lhe distancia das pessoas que você ama, até entender que não somos esse corpo, mas a alma que ele contém.

A vida ri de você muitas e muitas vezes, até você parar de levar tudo tão a sério e rir de si mesmo.

A vida quebra você em tantas partes quantas forem necessárias para a luz penetrar em ti.

A vida confronta você com rebeldes, até que você pare de tentar controlar.

A vida repete a mesma mensagem, se for preciso com gritos e tapas, até você finalmente ouvir.

A vida envia raios e tempestades, para acordá-lo.

A vida o humilha e por vezes o derrota de novo e de novo até que você decida deixar seu ego morrer.

A vida lhe nega bens e grandeza até que pare de querer bens e grandeza e comece a servir.

A vida corta suas asas e poda suas raízes, até que não precise de asas nem raízes, mas apenas desapareça nas formas e seu ser voe.

A vida lhe nega milagres, até que entenda que tudo é um milagre.

A vida encurta seu tempo, para você se apressar em aprender a viver.

A vida te ridiculariza até você se tornar nada, ninguém, para então tornar-se tudo.

A vida não te dá o que você quer, mas o que você precisa para evoluir.

A vida te machuca e te atormenta até que você solte seus caprichos e birras e aprecie a respiração.

A vida te esconde tesouros até que você aprenda a sair para a vida e buscá-los.

A vida te nega Deus, até você vê-lo em todos e em tudo.

A vida te acorda, te poda, te quebra, te desaponta... Mas creia, isso é para que seu melhor se manifeste... até que só o AMOR permaneça em ti”

Bert Hellinger

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento especial à minha Mestre, tutora, terapeuta e amiga Sandra Fedullo Colombo, que acolheu o meu mundo e me ajudou a elaborar este trabalho no contexto sistêmico e no meu contexto emocional, uma parceira para a vida.

À Marcia Setton, meu primeiro elo de confiança no Instituto e por sua delicadeza em aceitar ser a comentarista deste trabalho.

À minha amiga e terapeuta, Thais Helena Couto, sempre ao meu lado.

Aos familiares de Anita: Susana, Euclides, Alexy e Pietro que com afeto, trouxeram histórias para que o segredo pudesse ser revelado.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho pretende mostrar como os mitos familiares se perpetuaram por quatro gerações, mantendo ainda hoje, uma repetição de padrões em suas lealdades invisíveis e aos seus segredos não revelados.

Foi através do silêncio dos meus filhos que encontrei uma forma em ajuda-los a compreender a dimensão desta lealdade, oferecendo uma oportunidade para que possam fazer suas próprias escolhas, permitindo uma construção com novas narrativas.

1-

Toda e qualquer relação envolve uma corrente de afetividades, sejam elas familiares e amorosas.

As relações familiares criam laços afetivos eternos, são responsáveis pela formação da individualidade e do ser no mundo, agregam valores e culturas, normas e condutas.

Anita nasceu numa família considerada dentro dos padrões especiais. Sem exageros, traumas passados que pudessem dar origem a problemas não solucionáveis, uma família com ideais de sucesso, projetos de construção material e emocional, sonhos prósperos típicos de jovens que acabaram de casar-se e dar início a uma nova construção familiar.

O pequeno vilarejo se situava entre as montanhas, localizada no norte da Itália, no Vale do Pó, a cerca de 50 km de Bolonha, na Via Emilia, Reggio Emilia.

Cidade paduana por excelência, cidade dos pórticos, das bicicletas, de intensos contatos humanos, que Guido Piovene definia laboriosa. Os jardins públicos repletos de uma diversidade de árvores majestosas e raras e flores de vários espécimes, davam ao local um ambiente acolhedor para as famílias passearem numa verdadeira imersão na natureza.

Numa época marcada pela reconstrução da vida devastada pela Primeira Guerra Mundial, que retalhou famílias em seus sonhos e projetos de vida, onde as perdas foram inúmeras, tanto dos entes familiares como seus lares e projetos de vida.

Nos anos 1930, a Itália recuperava-se da Grande Depressão, e obtinha o crescimento econômico em parte pela substituição de importações pela produção doméstica (Autarchia). A drenagem dos pântanos de Pontine a sul de Roma, empestados de malária, foi um dos orgulhos badalados do regime.

Fundado como uma associação nacionalista (Fasci di Combattimento) de veteranos da Primeira Guerra Mundial em Milão a 23 de março de 1919, o movimento fascista de Mussolini converteu-se num partido nacional (o Partido Nacional Fascista), que defendia a superioridade dos conceitos da nação, do Estado e da raça sobre os valores individuais.

Um regime político fascista é representado por um governo autocrático, centralizado na figura de um ditador. A grave crise econômica que a Itália enfrentava e o não atendimento de reivindicações territoriais nos pós Primeira Guerra Mundial foram alguns dos motivos para desenvolver um nacionalismo muito forte.

"Tutto nello Stato, niente al di fuori dello Stato, nulla contro lo Stato", ou seja, "Tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado". Mussolini

E com tantas inseguranças vividas num país fascista de pós-guerra, os pais de Anita resolveram se separar, fato este que definia uma condição social inadequada para o tempo, onde casais construía famílias e jamais ocorria uma separação.

O fato é que, com esta instabilidade de seus pais, as famílias resolveram tomar a frente na criação das crianças, resolvendo separá-las e mantê-las em sigilo quanto ao verdadeiro motivo que levaram seus pais a se separarem e a abrirem as mãos das guardas das meninas.

Anita, ainda muito pequena, foi morar com a família materna e a irmã, um pouco mais velha, com a família paterna.

Tudo arranjado para que não atrapalhasse a criação das meninas, oferecendo uma estabilidade para serem criadas com segurança e amor.

Seus pais mudaram-se de cidade, cada um foi ter seu espaço longe do pequeno vilarejo, deixando assim, suas filhas amparadas em suas famílias, porém distanciadas pela genealogia.

Anita se tornou uma criança feliz, seu mundo era pequeno, constituído pela casa de seus avós, a escola que frequentava, a padaria na rua de baixo, a igreja na praça principal e o parque repleto de árvores e flores para brincar.

Nesta pequena idade, não fazia ideia de quanto o universo poderia ser vasto, grande, cheio de novas ideologias e culturas. Anita sentia-se amada e completa, seguia o percurso diário da pequena escola que se encontrava na colina, passava na volta pela salmearia para comprar alimentos que a avó lhe encomendava, na padaria para um pão quentinho e retornava para casa em minutos, pois tudo era muito perto de onde morava.

Chegava da escola com suas tarefas e cheia de assunto para relatar sobre as aulas do dia, as amigas que havia brincado, o que havia comido e todas as notícias que uma pequena criança poderia se interessar para contar.

Tomar um banho de água quente, se aprontar para o jantar fazia parte do seu cotidiano. Adorava contar histórias, sempre muito vaidosa, observava os modelos de vestido das professoras e colegas da escola, em suas fitas de cabelo e principalmente, nos sapatos.

Um período em que a vida girava em torno da família, com os pais como sendo figuras de autoridade. Anita aprendeu a desempenhar papéis domésticos desde cedo, ajudando sua avó nas tarefas de casa, e as meninas eram educadas para se tornarem boas esposas e mães.

Embora a educação fosse incentivada pelo regime fascista, as meninas, em geral, tinham menos acesso à escola do que os meninos. As aulas enfatizavam valores patrióticos, obediência ao regime e aos papéis tradicionais de gênero.

Aos Domingos, Anita acompanhava os avós nas missas de Domingo, a religião católica desempenhava um papel central na vida das famílias italianas. A moralidade e os costumes religiosos influenciavam profundamente a educação e o comportamento das crianças.

O regime de Mussolini, que durou de 1922 a 1943, utilizou maciçamente a propaganda. Como regime assumidamente totalitário, dedicou especial atenção às crianças, que quis formar física e espiritualmente para construir o homem novo, *l'uomo fascista*.

Os pequeninos eram a massa ideal de que se fariam esses novos homens fascistas, os futuros guerreiros do Império de Itália. Na capa deste livro da primeira classe, o edifício da escola é um *fascio littorio*, o emblema do fascismo.

Era um período difícil, o fascismo cada vez mais crescia e as dificuldades também, controlando o país de maneira extremamente autoritária. Com isso, foram abolidos os partidos políticos, as eleições também, e a liberdade de imprensa e de expressão deixou de existir, além de uma intensa perseguição aos opositores.

Anita não tinha consciência da seriedade do regime autoritário, a vida ainda era colorida, alegre e sempre despertava uma vontade incrível de criar e sonhar. Não havia outro lugar no Mundo para viver mais feliz!

Uma pergunta que não se calava era:

- Nonna, por que meus pais não me visitam sempre?
- Onde eles estão?

E a resposta sempre era a mesma:

- Menina, não faça perguntas que não sei responder! -Nonna, conta alguma coisa!
- No!!!

Sua mãe a visitava na época do Natal, trazia muitos brinquedos, brincava um pouco e logo ia embora... e as perguntas continuavam:

- Mamma, por que você não vem mais vezes me visitar?
- Onde é a sua casa?

E a mãe lhe respondia:

- Anita, filha linda, o dia que eu puder ter uma casa, venho e a busco, por enquanto seja feliz com os seus avós!

Ela corria para o seu quarto quando a mãe ia embora e caia num choro sem fim, todos aqueles brinquedos perdiam qualquer significado naquele momento. Anita sentia falta de sua mãe, uma mulher muito bela e elegante, com os olhos azuis turquesas como os seus.

Todas as suas amigas viviam com os seus pais, todas falavam dos passeios que faziam juntos, das horas que passavam a cozinhar, brincar ou adormecerem em seus colos.

Era muito pequena para poder compreender o que havia acontecido e mais do que tudo, se sentia abandonada e desamada pelos seus pais, sentia-se muito só, apesar de viver com os seus avós.

Se sentia diferente das amigas da escola e da vizinhança, sentia uma singela inveja quando elas voltavam para casa de mãos dadas com suas mães, sempre rindo e se abraçando... sentia falta do colo do pai e não conseguia, se quer, imaginar como ele era... sempre que perguntavam, respondia:

- Seu pai é um homem muito bonito e atarefado.
- Por que ele não vem me visitar?
- Por que só a minha mãe?

E as respostas continuavam sempre as mesmas:

- Ele mora muito longe daqui!

E assim seguiam os dias, as semanas e os anos.

Seu aniversário era comemorado com um bolo de castanhas preparados pela avó que as colhiam de uma imensa árvore no fundo de sua casa. As cozinham e depois confeccionava um bolo tradicional. Comemorava sempre com seus avós, sua melhor amiga que morava a duas casas da sua e uma outra, que frequentava a mesma sala de aula na escola municipal.

As amigas também a questionavam sobre seus pais e onde moravam, porque ela morava com os avós e muitas outras perguntas que ela não sabia responder e com o passar do tempo, sentia-se cada vez mais diferente e distante das suas amigas, sentia vergonha e começava a evitar os convites para frequentar suas casas.

Era um formato diferente de família, como explicar?

O abandono que sofreu quando pequenina pode ter criado um muro que a separava de si mesma, uma Anita que era linda e feliz de um lado e outra que se sentia desamada e infeliz.

E assim foi se tornando uma moça muito linda, dentro do seu pequeno mundo, sem questionar o passado, sem ter mais curiosidade para saber o que havia acontecido de fato com os seus pais. Desde criança lhe foi dada uma única explicação, supostamente lógica e não questionável: seus pais precisaram partir para trabalhar. Deveria aceitar esta realidade como algo bom e certo.

Nunca mais havia visto o seu pai e a sua mãe, raríssimas vezes. Um segredo esse que ficara fechado a sete chaves pelos avós. Mais ainda, nunca soube da existência de uma Irmã mais velha, também! Mais um segredo!!!

Segundo Sandra Fedulho Colombo - 2014, “mitos familiares são crenças compartilhadas, inquestionáveis que mantêm uma construção da realidade que protege a coesão do grupo e que são transmitidas através das gerações. Os segredos fazem parte da construção dessa trama tecida para proteger a coesão da história dessa família e o lugar que cada um ocupa nela.

Os segredos são construídos para proteger o mito familiar e o mito familiar, consequentemente, protege os segredos recursivamente.”

Um dia de primavera quente e fresco, bate na porta uma jovem nos seus 15 anos, alta, esbelta e muito linda no meio da tarde. Anita, ao abrir a porta, se encanta pela figura que estava ali parada, meio extasiada por ver alguém muito parecida com ela. Estava com o cabelo perfeitamente arrumado, um vestido azul com laço na cintura, carregava uma pequena bolsa em uma de suas mãos.

- Buon Giorno.
- Me desculpa se interrompo alguma coisa, mas gostaria de conversar com você!
- Pois não, alguma coisa em especial?
- Eu te conheço?
- No!
- Me falaram na escola que eu tinha uma irmã parecida comigo
- Não entendi!
- Me disseram que seria você, a minha irmã!
- Eu não acreditei e fiquei com muita raiva da minha amiga...
- Mas eu a vi.... e achei que poderia falar com você!
- Você que me desculpe, mas bateu na porta errada!
- Podemos até sermos parecidas...
- Mas eu não tenho nenhuma irmã, sou filha única dos meus pais!
- Posso entrar?
- No

- Posso explicar?

- No

- Per piacere! Não volte mais aqui com esta conversa doida.

E bateu a porta na cara da jovem com tanta força que o barulho causado foi enorme. sua avó correu para saber o que havia acontecido, e com muita raiva, se trancou em seu quarto. Não queria falar com ninguém, queria estar só e pensar no que havia escutado... seria verdade? ou mais uma história mal contada?

Na verdade, queria muito acreditar que existia uma família real e que a sua vida não seria mais cheia de segredos. ela conheceria o pai? Com quem ela vivia? Por que nunca falaram nada? Por que a sua mãe nunca comentou nada com ela? seria uma irmã de sangue ou uma meia irmã?

No final da tarde, saiu do quarto mais calma e se dirigiu aos avós: - Eu tenho uma irmã mais velha que mora nesta cidade?

Um silêncio tomou conta daquele instante, parecendo que haviam passado horas de quietude... seus avós estavam paralizados com a pergunta.

- Por favor, eu tenho uma irmã?
- Si!
- Como assim?
- Vamos explicar tudo e você vai compreender o que aconteceu.

E assim, sentaram-se no sofá e começaram a contar que seus pais ao se separarem, decidiram deixar cada filha com um casal de avós para ajudar na criação delas e como as famílias paterna e materna não se falavam, resolveram que criariam assim as meninas, separadas de uma das famílias.

Seus pais de fato se separaram e cada um foi viver a sua vida em outra cidade, numa época em que separações de casais, quando ocorriam, eram escondidas da sociedade para que não fossem malvistas pelo povoado, acarretando num desconforto na criação dos filhos.

Simples e direto, mas foi como uma faca no coração!

Desta vez, não tinha mais nenhuma pergunta, queria simplesmente encontrar com a sua irmã e contar tudo o que sabia, era para ela que gostaria de fazer as perguntas, fora ela quem contou a verdade... era com ela que iria entender sobre o que havia acontecido.

Realmente foi um choque imenso quando esta jovem apareceu e disse ser sua irmã mais velha, que vivia com os avós paternos e que estudava na mesma escola que ela. Mas como assim? Todo o seu mundo despencou em lágrimas, não conseguia entender o que estava acontecendo, uma mistura de fúria e alegria, uma insegurança que abalou suas pernas por frações de segundos e que quase a tirou do seu chão.

Tudo o que lhe fora contado estava ruindo em mentiras, suas crenças diluídas num enorme mar sem fim. Seu coração parou de bater e por um instante teve a sensação de que iria desmaiar.

A verdade foi despejada em sua alma de forma bruta, como receber esta irmã em sua vida? O que aconteceu com a infância dela? Por que estavam separadas, por que nunca contaram nada sobre a existência das irmãs? Seria verdade ou apenas alguém que queria infernizar a sua vida? O que de fato estava acontecendo naquele momento tão inesperado e inoportuno para ter consciência de que ela tinha uma irmã?

As perguntas não paravam de brotar em sua cabeça novamente. O muro que havia construído desmoronara e sua segurança, juntos.

Por que tantos segredos? Qual a função deles na vida dela? Era para proteger de alguma coisa? Ou de alguém?

Os segredos são lealdades familiares que se mantem para manutenção de uma estrutura encoberta por inseguranças. A pensar na época em que estavam vivendo, uma insegurança enorme político-social e uma imposição cultural sem medir os estragos emocionais.

Como adotar uma nova postura frente a um novo membro da sua família, que por acaso, é cem por cento seu sangue?

Quantas pessoas são necessárias para manter um segredo familiar? E a escola? Anita não havia ganhado só uma irmã, mas mais dois avós, os paternos, que sabiam de sua existência e foram cúmplices deste segredo de tamanho monstruoso.

Era uma nova família que já lhe pertencia por direito, e assim, vivia com pessoas que não conhecia, autoritários e egoístas que resolveram confiscar qualquer meio de comunicação, qualquer ensaio de relacionamento, sentimentos que se tornam verdades absolutas! Porém, quando entendemos as relações familiares, compreendemos que as verdades são relativas, que tudo depende do contexto de cada um nesta estrutura familiar.

A Irmã, por outro lado, descobriu sozinha que tinha outra família, contaram na escola que existia uma menina muito parecida com ela, que pareciam irmãs. Foi um furacão que passou em sua vida, plena adolescência, sonhos machucados por uma realidade abrasadora e silenciosa.

Sendo mais velha, resolveu tomar a iniciativa de buscar a verdade, talvez até pelo fato de sentir um vazio que jamais foi compreendido em sua vida. Como cortar uma família ao meio? Como apagar uma história sem autorização dos personagens envolvidos, como criar uma nova rodeada de falsos testemunhos e injúrias?

Foram muitas questões que aparecerem naquele momento na vida destas duas meninas, separadas pelo tempo e pela alma, separadas por uma decisão que talvez tenha sido tomada por razões que mal compreendiam, mas separadas da verdade e da lucidez que a vida propõe, separadas de forma brusca e validade pelos próprios avós.

As famílias muitas vezes, carregam segredos que envolvem exclusão social, nascimento, morte, adultério e doenças, tanto físicas quanto mentais. Esses segredos podem impactar a dinâmica familiar e a saúde mental de seus membros, especialmente das crianças, que estão em um momento sensível do desenvolvimento do seu ser no mundo.

A decisão de separar Anita e Clara quando ainda eram pequenas, e de as encaminhar para os avós, talvez tenha sido uma tentativa de proteção. No entanto, os efeitos dessa separação não se limitavam ao simples ato de distanciar as irmãs. A experiência de viver em casas diferentes, sob a vigilância de figuras que haviam sido formadas pelas próprias vivências da guerra, significava que cada uma das meninas absorvia o impacto daquele período de forma única.

Anita cresceu sob o olhar atento de seus avós maternos, que, embora atenciosos, carregavam as cicatrizes do trauma da primeira guerra mundial. Seu avô, especialmente, havia perdido amigos na batalha e sua avó vivia com um medo constante de novos ataques. Esses medos se traduziram em um ambiente mais fechado, onde as histórias do mundo externo eram escassas, e as meninas eram mantidas em uma bolha de proteção.

Contudo, as notícias que chegavam do exterior e os rumores sobre os eventos de uma nova guerra se infiltravam nos pensamentos de Anita, embora ela não entendesse completamente o que estava acontecendo. Mas as sombras da guerra estavam lá, silenciosas e persistentes.

Para Clara, a realidade era um pouco diferente. Ela cresceu com seus avós paternos, que também haviam vivido a guerra de forma intensa. Seu avô, que havia sido prisioneiro de guerra, tinha dificuldades para se conectar emocionalmente, e a avó, embora amorosa, era uma mulher marcada pela perda. Durante os períodos de calma, Clara sentia-se acolhida, mas havia uma tensão constante, como se algo não fosse dito.

O ambiente familiar carregava a atmosfera da guerra, não em palavras explícitas, mas em olhares furtivos e silêncios que pesavam sobre ela. Clara, por vezes, tentava entender o que estava por trás das histórias incompletas, das explicações vazias que seus avós davam sobre o que havia acontecido com os pais dela, mas sempre se via frustrada pela ausência de respostas claras.

A guerra havia criado uma barreira invisível entre os avós e as crianças. Para os adultos, o desejo de proteger as meninas dos horrores que haviam testemunhado os levou a esconder informações. Mas, para as irmãs, essa falta de explicações e de transparência gerou uma sensação de desconexão, como se estivessem vivendo em um mundo que não lhes pertencia completamente.

Cada uma delas lidava com essa ausência de maneira diferente, mas ambas compartilhavam a sensação de que algo importante faltava em suas vidas.

Quando as irmãs se encontraram, a descoberta de que eram parentes não foi apenas uma revelação de um vínculo sanguíneo perdido, mas também um desvelar de um contexto familiar fragmentado.

A Segunda Guerra Mundial havia moldado a forma como as famílias lidavam com o sofrimento, a perda e a proteção. O fato de os avós maternos e paternos terem feito escolhas tão drásticas para protegê-las — separando-as para que não compartilhassem o peso da realidade de seus pais — parecia, a princípio, uma tentativa de preservar suas infâncias. No entanto, para Anita e Clara, essa proteção estava enraizada em um isolamento emocional, que, embora bem-intencionado, resultou em um distanciamento que foi difícil de superar.

Anita, ao refletir sobre o passado, acreditava que os avós haviam tomado a decisão com a intenção de poupar as meninas do sofrimento da guerra. Mas, ao mesmo tempo, ela começava a perceber que esse distanciamento não era apenas físico, mas emocional. Os avós haviam escondido mais do que a guerra; haviam escondido a própria história familiar, criando um vazio no qual a verdade poderia ter se perdido. Para ela, a verdade estava fragmentada, e cada pedaço parecia oferecer mais perguntas do que respostas. O afastamento não só das figuras parentais, mas da história verdadeira de sua família, se tornava cada vez mais difícil de digerir.

Já Clara, ao saber da existência de Anita, passou a questionar não só a relação com seus avós, mas também com seus próprios pais. A guerra os havia separado, mas também os havia deixado em um estado de não-pertencimento. Para ela, a separação das irmãs não era apenas uma consequência da guerra, mas um reflexo de uma decisão dos adultos que, ao tentar proteger, acabaram por criar um abismo emocional entre elas.

Clara se sentia profundamente desconectada de seus pais, cujas figuras haviam sido idealizadas na infância, mas nunca realmente presentes. A guerra as separara, mas agora ela começava a entender que a verdadeira divisão estava na falta de diálogo e compreensão entre as gerações.

À medida que o tempo passava e as irmãs se encontravam cada vez mais, começaram a perceber que suas realidades eram moldadas não apenas pela guerra, mas pelas escolhas dos adultos ao seu redor, que haviam buscado proteger as meninas da dor, mas acabaram criando um vazio que, agora, exigia compreensão e, quem sabe, perdão. O que restava, então, era uma reconstrução das suas identidades, uma reconstrução que passava por entender não apenas a guerra, mas o que a guerra representava para suas famílias e para elas próprias.

Nesse novo encontro, ambas as irmãs descobriram que não havia um único olhar sobre a verdade, mas que suas vivências estavam entrelaçadas nas teias do sistema familiar, onde as escolhas dos outros continuavam a ressoar em suas vidas de maneiras que elas ainda não compreendiam totalmente. A Guerra, com seu horror e suas perdas, deixou marcas não só no mundo, mas nas relações familiares, criando uma dinâmica complexa, onde as verdades eram múltiplas e em constante movimento, aguardando para ser compreendidas e, talvez, um dia, resolvidas.

A subjetividade humana é construída em uma rede de relações, especialmente no contexto familiar, onde crenças, valores e significados são compartilhados, reinterpretados e transmitidos

ao longo das gerações. Sob a ótica da abordagem sistêmica familiar, compreende-se que o indivíduo não é uma entidade isolada, mas parte de um sistema interdependente, em que cada membro influencia e é influenciado pelos demais.

A perspectiva construtivista, integrada à visão sistêmica, amplia essa compreensão ao enfatizar que o conhecimento de si e do mundo é continuamente construído nas interações, por meio de processos comunicacionais e narrativas que moldam as identidades familiares. Nesse contexto, padrões relacionais, expectativas e papéis são perpetuados muitas vezes de forma implícita, formando o que alguns autores chamam de "lealdades invisíveis" de Ivan Buszormenyi-Nagy - 1998 e Gerladine M. Spark – 2012.

A transmissão transgeracional de experiências — muitas vezes não verbalizadas — pode se manifestar por meio de repetições de datas, sintomas, dinâmicas conjugais ou escolhas profissionais. Esses elementos não decorrem apenas da história individual, mas estão vinculados a experiências emocionais significativas de gerações anteriores, que, por não terem sido simbolizadas ou reconhecidas, seguem influenciando as gerações seguintes.

A abordagem sistêmica, conforme trabalhada por Mony - 1991, enfatiza que segredos familiares e eventos silenciados funcionam como "nós emocionais" que afetam o fluxo relacional e a comunicação autêntica entre os membros. O silêncio em torno de temas dolorosos, como exclusões, doenças, perdas, ou conflitos éticos e morais, gera zonas de ambiguidade que impactam diretamente na constituição psíquica dos indivíduos.

Os mitos familiares — entendidos como narrativas coletivas criadas para sustentar a coesão do grupo e justificar determinados comportamentos — também desempenham um papel central nesse processo. Muitas vezes, eles atuam como mecanismos de defesa do sistema familiar, mas podem dificultar o enfrentamento de realidades importantes e a ressignificação de vivências dolorosas. Esses mitos, ao serem transmitidos sem questionamento, contribuem para a manutenção de padrões disfuncionais, principalmente em contextos de crise, como doenças graves, violência ou rupturas afetivas.

A mitologia clássica define o mito como uma narrativa popular ou literária sobre seres heroicos e ações imaginárias nas quais são transportados acontecimentos históricos reais ou desejados.

Nele são projetados tanto as dificuldades individuais, quanto certas estruturas interacionais da família. O mito de Édipo está entre os exemplos mais conhecidos nesse sentido. O passado

histórico de uma sociedade, de uma civilização, e as estruturas familiares que o sustentam são representados pelo mito que a cultura encerra através de uma representação comum e compartilhada por todos os que a integram.

Podemos lembrar de A.Ruffot, 1981 - afirma que o mito é uma transposição e uma explicação do real, uma mediação sobre o plano do imaginário, permitindo aceder a uma primeira compreensão do universo objetivo e do mundo interior.

E de Lèvi-Strauss - 1955, que o mito corresponde a um reflexo da estrutura social e de suas relações, priorizando assim as relações de parentesco. Estas são definidas através da relação de filiação (natural), de consanguinidade (natural e cultural) e de aliança (cultural). Assim, o início da Instituição Familiar se encontra justamente na relação de aliança.

Acentua a importância do aspecto simbólico do mito, que corresponde a um intercâmbio cultural e a um modelo lógico, capaz de superar uma contradição.

Ele considera que a estrutura inconsciente não corresponde a leis de funcionamento, senão a "acontecimentos transformados coletivamente e que permanecem em forma de pedaços de verdade histórica reelaborados e mantidos na atualidade como recordações encobridoras, mitos e fantasias familiares e mesmo que individuais, compartilhadas".

Já Ferreira - 2018, concluiu que o mito familiar é um "sistema de crenças" que diz respeito aos membros de uma família, seus papéis e suas atribuições em suas transações recíprocas; é constituído de "convicções compartilhadas" pelo conjunto das pessoas que integram esse sistema e que são aceitas porque é real para quem pertence ao mito.

Quando um ou mais de seus membros reconhecem os aspectos de falsidade e de ilusão presentes no mito, torna-se um "segredo", um mecanismo homeostático para manter e fortalecer os papéis sociais de cada um do grupo, dificultando que o sistema familiar se deteriore ou até de se destruir.

A abordagem do histórico familiar sob a lente sistêmica, permite reconhecer como essas histórias moldam os vínculos, as escolhas e até constroem os sintomas, revelando a importância de trazer às conversas, os conteúdos antes excluídos da narrativa familiar. O processo de resignificação, quando conduzido de forma ética e respeitosa, pode favorecer a construção de novas possibilidades relacionais e promover um encontro mais ampliador, criativo e livre.

A comunicação familiar, dentro da perspectiva sistêmica, é vista como um elemento organizador do sistema. Quando ocorrem bloqueios comunicacionais — como o silêncio em torno de determinados eventos ou a distorção de informações — o sistema tende a criar mecanismos de compensação, muitas vezes disfuncionais, para preservar o equilíbrio. Essa dinâmica pode gerar mal-entendidos, repetições de conflitos e dificuldades de expressão emocional entre os membros.

Do ponto de vista construcionista social, cada membro da família interpreta os acontecimentos a partir de seu lugar na rede relacional e de seus próprios esquemas cognitivos. Ou seja, a realidade é construída nas relações. Assim, os segredos familiares não apenas ocultam fatos, mas também moldam subjetividades por meio de versões da realidade.

A ausência de narrativas claras ou a presença de mitos rígidos podem restringir a liberdade de construção da identidade pessoal e dificultar a elaboração simbólica de experiências dolorosas, ou seja, o processo de individuação pode ser aprisionado nas forças de fusão. Bowen – 1991.

Quando esses conteúdos silenciados são mantidos por longos períodos, tornam-se como “pontos cegos” no sistema, interferindo em processos de escolha, afetividade e até mesmo saúde física e mental. Mony - 1991 ressalta que a saúde emocional de uma família está relacionada à sua capacidade de falar sobre suas dores, perdas e conflitos de forma aberta e simbólica. O não dito, quando acumulado, tende a emergir de forma indireta, através de sintomas, crises ou padrões repetitivos.

A árvore genealógica, nesse contexto, não é apenas uma representação de laços biológicos, mas um mapa simbólico das histórias, crenças e lealdades que atravessam gerações. O levantamento dessas histórias, quando feito com escuta respeitosa e interesse genuíno, pode revelar as raízes de determinados impasses vividos no presente.

É nesse movimento que a escuta sistêmica se mostra transformadora: ao permitir que o indivíduo reconheça os enredos herdados, ele se torna também autor de novas possibilidades de significado.

O enfrentamento desses temas pode abrir espaço para uma comunicação mais autêntica e para o rompimento de ciclos repetitivos. A elaboração simbólica — elemento central tanto na perspectiva sistêmica quanto na construtivista — permite à família reorganizar suas narrativas, promovendo maior autonomia emocional e relações mais saudáveis.

Os vínculos afetivos primários são fundamentais na constituição do sujeito em sua experiência relacional. No campo da abordagem sistêmica, compreende-se que esses laços são construídos em uma rede de significados compartilhados, onde cada gesto, ausência ou silêncio comunica algo no sistema familiar e constrói a identidade individual e grupal.

Estamos novamente falando do processo de pertencimento e diferenciação na construção da realidade familiar e na construção do nosso self, afirma Sandra Fedullo Colombo – 2014.

O cuidado, a presença e o reconhecimento são elementos que contribuem para a sensação de pertencimento e segurança nas relações, enquanto experiências de afastamento, rejeição ou indiferença podem gerar marcas profundas na subjetividade e o seu lugar no mundo, reverberando nos vínculos futuros.

A ausência de despedidas simbólicas de acontecimentos dolorosos pode construir o que se denomina lutos congelados ou vínculos interrompidos. A dor não elaborada naquelas relações, mesmo que silenciada, pode acordar em relações futuras como uma sensação difusa de perda, desamparo e solidão. A memória emocional do sistema familiar, ainda que não nomeada, atua como um campo de forças que constroem nossa visão de mundo e nosso lugar de mundo.

A experiência de Anita revela esse campo de tensões entre o pertencimento e a exclusão. Ao acessar uma nova camada de sua história familiar, ela entra em contato com uma dor antiga, que não lhe pertence inteiramente, mas que lhe atravessa. A quebra dos laços idealizados, diante da descoberta de um segredo, não apenas provoca um abalo emocional, mas também desafia a estrutura narrativa que sustentava sua identidade até então.

No contexto sistêmico, os segredos não se resumem à omissão de fatos, mas funcionam como estratégias do sistema para manter o equilíbrio — mesmo que isso signifique sacrificar a transparência emocional. Quando tais segredos vêm à tona, especialmente em momentos de transição ou crise, o impacto pode ser duplo: ao mesmo tempo que abrem espaço para a ressignificação, também expõem a dor crua do desamparo, do não dito e do não reconhecido.

A vivência de Anita é, portanto, mais do que um episódio isolado: é a expressão de uma dinâmica relacional mais ampla, onde a solidão e o desamor ganham contornos simbólicos. Nesse novo processo de reconstrução afetiva, ela se depara não apenas com a dor da descoberta, mas também com a possibilidade de romper padrões e iniciar uma narrativa mais autêntica, em que possa se reconhecer para além das histórias herdadas.

De repente, uma série de histórias contadas começaram a fazer sentido, é como um desfiladeiro, a cada tombo, mais somos tomados por sentimentos de medo e decepção. Começamos a acreditar que toda a nossa vida é uma grande invenção criativa dos seus genitores.

Ao aceitarem a irmandade, as crenças começam a serem destruídas pelas incertezas. Será que os pais de Anita, realmente deixaram as filhas por que estavam em busca de trabalho e novas oportunidades? Eles regressariam, um dia? Qual o real motivo do abandono?

Existe neste momento, uma crise fortíssima no sistema familiar, todas as relações familiares são impactadas pela revelação de um segredo que desconstrói a identidade familiar e a noção de quem cada um é para si mesmo e para o sistema familiar.

O pertencimento é profundamente abalado e o processo de autonomia-individuação, profundamente ferido. Bowen - 1991 e Nagy -1998 afirmam que as dívidas entre as gerações se aprofundam e se multiplicam.

Aqui entra outro assunto de extrema importância, o abandono e o tempo que lhes foram negadas a despedida, um corte é construído e blindado na vida das meninas. A despedida é essencial para finalizarmos uma história, seja ela positiva ou negativa, e quando podemos encerrar a compreensão dos fatos para que possamos nos alicerçar em novos sonhos e consequente, novas emoções e sentidos sobre a nossa existência humana.

Trazendo um outro olhar, mais específico, Dalai Lama - 2000 disse: “Ao longo dos milênios, a rota do espírito está repleta de feridas nascidas da profunda teimosia em escolher e prestigiar as artimanhas do ego. O resultado desse trajeto ilusório ficou profundamente gravado na vida mental, determinando verdadeira prisão vibratória construída pela frequência e teor das experiências vividas. Uma das mais conhecidas prisões emocionais na atualidade é a dor do abandono, a sensação de desamparo. Essa lesão na alma responde por larga soma de aflições em todos os continentes do mundo. Não há quem não esteja carente de ser protegido e acolhido, amado e incentivado nas lutas de cada dia.”

Podemos nos lembrar de Mony Elkaim - 1991 quando em sua teoria das ressonâncias nos conta que todos nós possuímos um Programa Oficial e uma Construção de Mundo. O programa oficial é tudo que narramos da nossa história, como nos apresentamos, como queremos ser vistos e como nos vemos.

É a nossa história oficial, a construção do mundo com todos os mitos familiares dentro dos quais crescemos, crenças inquestionáveis, segredos que não conhecemos ou dos quais somos guardiões e que abraça toda nossa experiência afetiva vivida em nossas relações através das gerações.

Quando o programa oficial está muito distante da construção do mundo, compreendemos que mitos e segredos familiares não autorizam a construção de uma realidade compartilhada e o processo de individuação aprisionados pelas forças fusionais adia as vivências de autonomia e separação.

No dia seguinte, Anita decidiu procurar Clara na escola. A necessidade de conversar, de entender melhor aquele novo universo que se abria para ambas, era urgente. Ela a convidou para uma caminhada no final da tarde. A ideia era encontrar um espaço para digerir aquela descoberta imensa. Para Anita, tudo parecia simultaneamente leve e pesado; como se um peso imenso tivesse sido retirado de seus ombros, mas a incerteza sobre os "porquês" da omissão ainda fosse um labirinto sem fim.

Quando as meninas se reuniram, o choque nos olhos de Clara foi instantâneo. Não era apenas uma revelação, mas um redimensionamento de toda a história que pensavam ter vivido. Os avós, por sua vez, estavam tão confusos quanto as meninas. A dor da verdade se revelava não só no peso do segredo guardado, mas na incapacidade de explicá-lo sem ferir os próprios sentimentos e crenças do que deveria ter sido "protegido".

O que restava após as palavras entrecortadas dos avós era um vazio desconfortante, uma instabilidade emocional profunda. As mentiras e omissões, embora bem-intencionadas, apenas perpetuaram a dor. Como Jhon Bradshaw – 1992 explora, segredos não resolvidos podem criar padrões disfuncionais que se repetem ao longo das gerações. O segredo em si, antes um fator de proteção, tornava-se agora um elo de sofrimento, pois o impacto desses padrões reverberava no momento presente, alterando não apenas as meninas, mas todo o sistema familiar.

Com o passar do tempo, Anita e Clara começaram a se encontrar com mais frequência. Os encontros, inicialmente marcados por perguntas não respondidas, logo se transformaram em trocas de histórias e experiências. As conversas sobre os projetos de vida, sobre os sonhos, tornaram-se cada vez mais intensas. A cada novo encontro, uma realidade distinta se construía, mas ao mesmo tempo, uma nova verdade se formava. Era como se, ao falar, as histórias de ambas se entrelaçassem, moldando-se mutuamente e criando uma forma de entendimento.

Afinal, as histórias que vivemos e damos sentido são nossas verdades, como o construtivismo nos ensina: a verdade não é algo único, mas algo que surge da interpretação e das relações entre os sujeitos não existe como absoluta e for a do sujeito e suas relações.

Cada uma delas trazia uma realidade baseada em seus próprios contextos educacionais e familiares. No entanto, o fato de os avós terem priorizado a proteção das crianças em detrimento de suas próprias escolhas havia criado, para ambas, uma angústia silenciosa. Como poderia a vida de uma criança ser decidida sem que ela pudesse fazer parte dessa decisão? Como poderiam elas, já adultas, compreender os laços familiares que foram omitidos? As respostas não eram simples, e a dor gerada por esse novo conhecimento estava longe de ser resolvida.

Quem tem o direito de decidir a vida de uma criança? Essa questão ressoava fortemente no coração de Anita e Clara. Seus pais haviam tomado decisões fundamentadas no que julgavam ser o melhor, mas sem considerar os impactos emocionais dessas escolhas. A separação das meninas, a ocultação de um vínculo tão profundo, os privou de vivenciar o pertencimento pleno à sua própria história familiar. Nesse contexto, as irmãs eram mantidas em um espaço de não pertencimento, uma sensação de que, apesar de terem sido criadas juntas, algo fundamental lhes foi negado.

Na visão sistêmica, como explorado por Murray Bowen - 1991, os segredos familiares têm a capacidade de estruturar e desestruturar relações. Bowen, ao discutir o conceito de diferenciação de self, sugere que a tensão entre a necessidade de conexão com o grupo familiar e a autonomia individual pode ser agravada por segredos e omissões. A tentativa de "proteger" os membros da família, ao esconder a verdade, pode gerar um distanciamento emocional que afeta o equilíbrio familiar. As irmãs, ao descobrirem a verdade, enfrentam o desafio de reconectar suas identidades familiares de forma mais autêntica.

Muitos desses padrões disfuncionais se perpetuam ao longo das gerações, como destaca Salvador Minuchin. O conceito de estrutura familiar de Minuchin - 1982 implica que a forma como as famílias se organizam e se comunicam tem grande impacto sobre o desenvolvimento emocional dos membros. Estamos mais uma vez enfatizando a dimensão relacional das histórias que nos constituem, e não somente pelas forças intrapsíquicas, enfatizando a visão construtivista da história familiar e na construção de múltiplas realidades das heranças transgeracionais.

Ivan Imber-Black - 1998, em sua obra "Segredos nas Famílias e na Terapia Familiar", afirma que os segredos podem afetar a comunicação e os relacionamentos familiares, criando estigmas e perpetuando padrões disfuncionais. Ela enfatiza a importância de compreender a dinâmica familiar como um todo, e não apenas em termos de indivíduos isolados. Nesse caso, os avós

mantiveram o segredo como uma forma de "proteger" as meninas, mas isso acabou se tornando um fator disfuncional no sistema familiar, impedindo-as de compreenderem plenamente sua própria história.

As irmãs começaram a refletir sobre o real motivo da separação de seus pais e o impacto disso em suas vidas. Por mais que a verdade surgisse de maneira dolorosa, a busca por entender o que se passara no passado era uma tentativa de dar um significado àquilo que parecia incompreensível. O que parecia uma proteção, na realidade, era uma ausência de participação ativa na construção de seus próprios destinos familiares.

Mesmo morando na mesma cidade, os avós nunca haviam permitido que as meninas se encontrassem. O afastamento familiar parecia inexplicável para elas, dado que moravam tão próximas.

A única conclusão a que chegavam, ao revisitar suas histórias, era que a manutenção daquele segredo, por tanto tempo, havia sido uma forma de preservação daquilo que não poderia ser dito. O medo de fracasso, o receio de que a revelação fosse mais dolorosa do que a omissão, tornava tudo ainda mais complexo.

Agora, diante do conhecimento, Anita e Clara estavam diante de um desafio que, embora fosse doloroso, oferecia também uma possibilidade: A reconciliação com a própria história, com as próprias dores, seria o passo mais importante para que pudessem entender as escolhas do passado, não mais como julgamentos, mas como elementos formadores de suas identidades. A partir do momento em que reconhecem sua história como um todo, com suas falhas e dores, as irmãs têm a oportunidade de dar significado ao que antes era apenas vazio e incompreendido.

A revelação do segredo permitiu que o tempo saísse do congelamento. Anita e Clara cresceram nas suas autonomias e individualizações, estão usando as próprias vozes, começando a serem autoras de suas próprias histórias.

Reconhecer essas origens do sofrimento é o primeiro passo para romper padrões e abrir espaço para escolhas mais livres. É um processo que exige coragem, empatia e disposição para olhar com maturidade para o passado, sem negar a dor, mas também sem se aprisionar nela. Ao resgatar a história familiar, é possível reescrever a própria narrativa com mais consciência, autonomia e compaixão.

Em tempos em que tantos buscam entender suas dores e encontrar sentido em suas trajetórias, refletir sobre as origens familiares do sofrimento torna-se uma chave preciosa. Afinal, o que é herdado pode ser compreendido — e o que é compreendido, pode ser transformado.

Durante este período, as meninas não se separaram, permaneceram juntas com a Tia Giulia, a escola havia sido bombardeada e muitas casas da cidade também. As meninas sofreram medo e terror, inseguranças e perdas de todas as formas

Mais um conjunto de fatos que foram adicionados na vida de Anita e Clara, transformando suas vidas mais uma vez, aprendendo a lidar com os fatos que as separaram de suas famílias, vivendo por um ano num abrigo alemão.

A cidade, embora pequena, carregava o peso de uma realidade dividida, onde cada família lidava com suas próprias formas de sobrevivência. Elas foram separadas ainda muito jovens, com apenas um e três anos de idade, e enviadas para casas diferentes — a de seus avós maternos e paternos. Ambas, em seus respectivos lares, cresceram sem conhecer a existência uma da outra. Suas histórias foram moldadas de formas distintas, imersas nas narrativas que as famílias construíram para proteger e preservar o que restava de uma vida que se desfazia ao redor.

Quando se encontraram mais tarde, já na adolescência, através de colegas de escola, a verdade veio à tona, mas não de forma clara ou definitiva. Para Anita e Clara, o que parecia ser uma revelação não era uma verdade absoluta, mas sim uma nova camada que se somava às suas realidades pessoais. Cada uma tinha sua própria compreensão da história e de seus sentimentos em relação à separação e ao que isso significava para suas identidades.

Anita, com a bagagem emocional construída pela convivência com os avós maternos, olhava para sua vida com um certo distanciamento. Para ela, a separação foi uma forma de proteção, uma escolha dos adultos que tentavam, de alguma forma, manter as crianças distantes do caos da guerra. Em seu olhar, os avós, mesmo em silêncio, eram os pilares que garantiam a continuidade de sua vida, embora fosse difícil entender por que o segredo precisara ser mantido.

A ideia de uma família ausente fazia parte do contexto, mas ela nunca se sentiu completamente só, pois encontrou na figura de seus avós a segurança que precisava. O que lhe faltava, talvez, fosse a verdade por trás dessa proteção, mas ela não sabia exatamente se a verdade teria algum valor para ela, ou se ela poderia alterar a dinâmica de sua vida.

Clara, por outro lado, tinha uma relação diferente com seus avós paternos. Sua percepção da separação e do segredo estava entrelaçada com um profundo sentimento de abandono. Ela cresceu com a sensação de que algo faltava em sua vida, como se a história de sua infância tivesse sido, de algum modo, incompleta.

Para ela, a revelação de que tinha uma irmã era um choque, mas também um alívio. A possibilidade de encontrar alguém com quem pudesse compartilhar sua dor parecia, de certa forma, uma resposta para a falta que ela sentia. A presença de Anita em sua vida era uma reconciliação com uma parte de si mesma que ela desconhecia, mas que, ao mesmo tempo, lhe parecia estranha. O que havia sido escondido por tantos anos agora se apresentava como uma oportunidade de reconstrução, mas Clara não sabia ao certo o que fazer com essa nova realidade, ou como integrar isso em sua história de vida.

A partir do momento em que as irmãs começaram a se encontrar, compartilharam suas perspectivas, seus sonhos e medos. Mas mesmo em suas conversas, a verdade parecia ter várias versões. Cada uma trazia uma interpretação distinta dos acontecimentos. Para Anita, os avós agiram de maneira protetora, tomando decisões difíceis, mas necessárias. Para Clara, o segredo parecia mais uma imposição de um passado que ela não tinha escolha senão aceitar. Ambas se viam imersas em suas histórias, mas cada uma compreendia a revelação de maneira única.

O processo para compreender o que havia acontecido com suas famílias envolvia mais do que simplesmente desenterrar fatos. Estava em jogo a reconstrução de suas identidades, a tentativa de fazer sentido do que havia sido deixado para trás, mas também de aceitar o que não poderia ser alterado. Ivan Imber-Black – 1998, **em** sua obra sobre segredos familiares destaca que, muitas vezes, os segredos não são apenas uma forma de ocultar a verdade, mas também uma maneira de tentar proteger os membros da família do sofrimento.

No caso de Anita e Clara, os segredos foram, de algum modo, um reflexo das intenções dos adultos, mas também das limitações do entendimento de cada um sobre o que era melhor para elas.

À medida que as irmãs trocavam experiências, seus projetos de vida começaram a se entrelaçar, mas sempre sob uma ótica particular. Para Anita, a verdade estava em tentar encontrar equilíbrio dentro do caos que a separação havia causado. Para Clara, o segredo tinha mais a ver com a

perda do que poderia ter sido, com a falta de uma escolha. No entanto, ambas estavam em busca de um lugar onde pudessem se sentir completas, onde pudessem, de alguma forma, se reconciliar com o que havia sido. Mas o que significava ser "completa"? Ser uma irmã? Ser uma filha? Como poderiam integrar suas novas descobertas sem que isso destruísse as estruturas de vida que havia construído até ali?

O processo de reconciliação com os segredos familiares, a descoberta das verdades não ditas e a busca por uma identidade compartilhada eram, para ambas, processos contínuos e dinâmicos, onde a verdade não era uma conclusão, mas um movimento constante. Para cada uma, a verdade sobre seus pais, sobre suas origens, sobre a guerra e sobre a separação, tomava diferentes formas, dependendo do olhar que cada uma escolhia lançar sobre o passado. E, talvez, fosse isso que fizesse com que suas vidas, em sua complexidade, fossem únicas, mas, ao mesmo tempo, profundamente entrelaçadas.

A Segunda Guerra Mundial, que assolava o mundo com um caos sem precedentes, trouxe perdas irreparáveis para muitas famílias, e para as de Anita e Clara não foi diferente. Até 1943, a cidade de Reggio Emilia, assim como outras partes da Itália, estava marcada pela devastação. O conflito afetou profundamente a vida cotidiana, e as famílias viviam sob a constante ameaça de bombardeios e invasões. A escassez de alimentos e a perda de muitos entes queridos criaram um cenário de dor que permeava o ambiente familiar, transformando a guerra em uma presença invisível, mas constante.

Anita e Clara, embora ainda muito jovens, sentiram o impacto das perdas, não só de familiares, mas também da própria segurança emocional. Seus avós, maternos e paternos, estavam imersos na luta pela sobrevivência e, como muitos, carregavam o peso das experiências traumáticas da guerra. Os avós de Anita, por exemplo, haviam perdido alguns amigos próximos nas batalhas, e essa perda deixou uma marca emocional que influenciaria toda a dinâmica familiar. Já os avós de Clara, embora mais focados em proteger a neta, estavam igualmente imersos em um pânico constante. Eles tentavam manter uma fachada de normalidade, mas o medo de novos bombardeios e a sensação de impotência diante das perdas eram palpáveis.

Em meio a esse cenário, Clara começou a sentir uma urgência crescente em escapar. Seu noivo, um jovem italiano que havia sido convocado para o exército, retornou à cidade em 1943 após um período de licença e, ao perceber a magnitude das perdas e das dificuldades que seus familiares estavam enfrentando, fez uma proposta: fugir para o Brasil. A ideia de uma nova vida, longe da destruição e do sofrimento, se tornou uma possibilidade concreta, algo que Clara não poderia mais ignorar.

- Eu não posso ficar mais aqui, Anita!

Disse Clara, enquanto as duas caminhavam pela cidade, como faziam frequentemente nas tardes mais calmas.

- Cada dia parece que nos afasta mais do que somos. Eu não posso esperar pela morte, pela destruição, pela fome... precisamos ir embora.

O desejo de Clara e do seu marido em deixar para trás a dor da guerra e buscar um futuro incerto no Brasil não foi uma decisão simples. Eles sabiam que, ao partirem, deixavam uma parte de suas histórias para trás, Clara com a sua história carregada de perdas, mentiras e segredos que, até aquele momento, pareciam ser parte da sua identidade.

No entanto, ela também sabia que a única maneira de recomeçar seria dar esse passo — não apenas para ela, mas também para Anita, sua irmã recém-descoberta, que até aquele momento havia vivido sob as mesmas condições de insegurança e perda.

Após muitas conversas, Clara convenceu os avós de Anita, apesar da resistência inicial. Eles estavam em choque, sem saber como lidar com a decisão, mas a guerra já havia tirado tantas certezas deles, e, agora, a partida das netas parecia uma extensão daquilo que já haviam perdido. Os avós maternos de Anita, embora ainda profundamente abalados pelas cicatrizes emocionais da guerra, finalmente cederam à ideia de que as meninas poderiam encontrar algo melhor fora da Itália.

Em um gesto de coragem e desespero, Clara e seu noivo partiram para o Brasil em 1943. A viagem foi longa e incerta, mas para Clara, era uma fuga da dor e da perda que ela sentia nas ruas da sua cidade.

O Brasil, um lugar distante, desconhecido e repleto de possibilidades, representava a chance de recomeço. O que a esperava era uma realidade nova, diferente, mas também repleta de seus próprios desafios e incertezas. Clara e seu noivo, ao embarcarem, carregavam a esperança de uma nova vida, enquanto Anita, que até então havia sido uma criança isolada pela guerra e pela separação, estava prestes a entrar em um novo capítulo.

Chegaram a São Paulo, Brasil, depois de uma longa e difícil travessia. Quando Clara chegou ao novo país, era um misto de emoções. A saudade de sua terra natal ainda a acompanhava, mas, ao mesmo tempo, sentia liberdade imensurável. A guerra, com todas as suas perdas, agora parecia distante, embora as cicatrizes ainda permanecessem em seu coração. O Brasil, com suas cores vibrantes e sons exóticos, oferecia um novo começo, mas, para Anita, o processo de reconstrução de sua identidade não seria simples.

Seis meses depois de sua chegada ao Brasil, Anita foi finalmente trazida por Clara. Ela deixou para trás a Itália, o conflito, os avós e a vida que conhecera. Ela viajava não só em direção a um novo país, mas também em direção a uma nova identidade, uma identidade marcada pela

separação e pela dor da guerra, mas também pela esperança de que, talvez, pudesse reconstruir algo a partir das ruínas do passado.

O que as irmãs não sabiam naquele momento era que, embora tivessem fugido fisicamente da guerra e de sua cidade devastada, as marcas da guerra permaneciam com elas. A identidade de cada uma foi moldada não apenas pelos eventos históricos, mas pela maneira como elas interpretaram esses eventos dentro do contexto familiar e pessoal. Cada uma delas carregava a guerra de maneira diferente: Clara, com a esperança de um recomeço; Anita, com a saudade e a confusão da separação, que a levava a questionar o que poderia ter sido.

O Brasil, com suas riquezas e possibilidades, era um novo território, mas o processo de cura das cicatrizes deixadas pela guerra seria um caminho mais longo do que ambas imaginavam. Os traumas não se curavam com a distância, mas, aos poucos, as irmãs começaram a entender que estavam, de fato, em uma nova história — uma história que, embora escrita com a tinta da dor e da perda, também tinha a possibilidade de ser reescrita, página por página, com a construção de um futuro mais livre das sombras que, até aquele momento, haviam sido projetadas sobre elas.

A promessa de Anita e Clara de nunca se separarem, não fosse pela morte, formava um elo que transcendia o tempo e as adversidades. No pensamento sistêmico, os vínculos familiares não se limitam apenas aos laços sanguíneos, mas à dinâmica de interações, comunicação e as trocas emocionais que constroem e sustentam as relações.

O laço entre as duas irmãs era mais do que um simples compromisso; era um sistema de suporte emocional que as ajudava a lidar com os traumas da separação, da perda e da guerra. Esta dinâmica reflete a ideia central de Murray Bowen - 1991, que sugere que os laços familiares são cruciais para o desenvolvimento emocional dos indivíduos, sendo fundamentais para a manutenção da saúde mental ao longo da vida.

Clara, após atravessar o turbilhão da Segunda Guerra e os desafios de reconstruir sua vida no Brasil, finalmente encontrou uma certa estabilidade e paz, especialmente com o nascimento de seu primeiro filho. No entanto, esse "equilíbrio" não é estático, mas o resultado das interações que Clara estabeleceu com seu novo núcleo familiar. Em uma perspectiva sistêmica, sua maternidade e estabilidade podem ser vistas como um novo ciclo, onde ela ressignifica sua história e se reconecta com seus próprios valores de segurança e cuidado.

A formação do seu sistema familiar, agora com filhos, permitiu-lhe sentir uma sensação de pertencimento e continuidade. A ideia de um ciclo de vida familiar ressoaria com os conceitos de Salvador Minuchin - 1982, que explora como a estrutura familiar influencia as funções emocionais de seus membros, tanto na infância quanto na vida adulta.

Por outro lado, para Anita, a mudança veio por meio de um encontro casual que parecia ser o início de uma nova história.

Anita conheceu um homem que, à primeira vista, parecia ser a resposta para suas questões de afetividade e estabilidade. No entanto, a realidade do relacionamento que ela estabeleceu foi mais complexa, uma vez que, na teoria sistêmica, as escolhas individuais estão sempre imersas em sistemas maiores, como o contexto familiar e social.

O relacionamento de Anita com o homem casado não foi apenas uma escolha pessoal, mas um reflexo de dinâmicas familiares mais amplas, que, no fundo, eram perpetuadas por padrões anteriores de sobrevivência emocional e estrutura de vida. Como Ivan Boszormenyi-Nagy - 1998 sugere em sua teoria da "ética familiar", as escolhas de Anita podem ser vistas como um reflexo da tentativa de restabelecer um equilíbrio de justiça emocional, especialmente dentro da complexa rede de lealdades e obrigações familiares.

A dinâmica entre eles, embora parecesse um novo começo, na verdade repetia padrões do passado. Essa relação se encaixava nas estruturas emocionais e familiares que ambos traziam com eles.

A casa que construíram no interior de São Paulo, ao lado do açude, representava um refúgio, mas também uma tentativa de reorganizar os papéis familiares em um novo espaço. A mudança de ambiente, um sistema de moradia rural, sem a pressão das convenções sociais urbanas, proporcionou uma chance de reconstruir sua narrativa, mas também trouxe à tona os padrões passados que ainda os influenciavam.

Esse movimento de reorganização do sistema familiar ressoa com a teoria de Minuchin sobre como a mudança no sistema de relações pode afetar o funcionamento global da família, seja de maneira positiva ou negativa.

Quando a tragédia do falecimento do marido de Anita aconteceu, ela foi profundamente afetada mais uma vez pela perda, não apenas do homem que amava, mas também de um sistema familiar que ela tinha começado a construir. A morte do marido interrompeu a construção do sistema familiar, agora era Anita que iniciava um novo ciclo de vida rodeado de segredos.

De acordo com os conceitos de Bowen - 1991, a morte e a perda representam eventos que desafiam as funções do sistema familiar, exigindo novos ajustes e reorganizações dos papéis e relações dentro da rede familiar.

A dor de Anita não era apenas pela perda do parceiro, mas também pela necessidade de reconfigurar todo o sistema familiar em que estava inserida. Nesse momento, ela recorre a sua única fonte de apoio emocional e familiar: Clara. O laço entre as irmãs, já profundamente fortalecido pelas dificuldades anteriores, se torna ainda mais essencial nesta nova história que estavam construindo.

A relação entre elas e a forma em como se comunicam aprimoram o mito por elas por elas mantido, dando continuidade nos segredos transgeracionais. A dinâmica sistêmica entre as duas irmãs também reflete o processo de ressignificação da dor e da perda.

Neste modelo, as mudanças não acontecem de forma linear, mas através de interações e trocas emocionais. As irmãs passaram a criar uma narrativa de suas vidas, uma história que poderia sustentar a reconstrução de suas famílias. A ressignificação da perda e da dor, através da cumplicidade e do apoio mútuo, transformou-as em pilares uma para a outra, permitindo que construíssem uma nova história em conjunto.

A história delas foi se tornando um sistema mais complexo e integrado, no qual os eventos traumáticos passaram a ser entendidos como parte de um processo mais amplo de crescimento e adaptação. A ideia de ressignificação e crescimento através da dor é um conceito que também se alinha com a visão sistêmica de que a crise pode, paradoxalmente, ser uma oportunidade para reorganizar e fortalecer o sistema familiar, como proposto por Minuchin.

No contexto sistêmico, a nova verdade que Anita e Clara criaram juntas não era uma verdade absoluta, mas uma verdade relativa que emergia da interação contínua entre elas e entre seus próprios sistemas familiares. A verdade sobre o que aconteceu, os segredos do passado e as escolhas feitas, eram agora uma narrativa fluida, que refletia suas vivências e o espaço de crescimento que elas criaram juntas.

Anita viu-se novamente num lugar reconstruído por ela, a necessidade de manter o mito sobre a sua relação com o primeiro marido foram transferidas aos filhos, que acataram a verdade de que a família paterna não queria o convívio com eles, queriam apenas usufruir da herança deixada pelo pai.

Na forma em se protegerem, suas verdades passaram a guiar as suas vidas, mantendo o mito familiar para continuar carregando todos os segredos do sistema familiar delas.

Passados alguns anos, encontrando grandes dificuldades sociais para criar os filhos sozinha, a separação com os familiares do esposo, os problemas relacionados à herança dos filhos, sua nova postura perante a vida, fizeram com que Anita se fechasse em seu mundo, vivendo afastada de todos, menos de Clara e seu marido, que deram muito suporte para que Anita ficasse erguida diante tantos desafios.

Depois de sete anos, Anita conhece um belo italiano, recém-chegado ao Brasil, alguns anos mais velho, extremamente charmoso e envolvente. Era solteiro e não possuía filhos, deixara para trás uma mãe ainda viva e um Irmão com duas filhas.

Ele estava livre, era descompromissado, possuía a mesma cultura italiana e também imigrante. Rapidamente os dois iniciaram um relacionamento afetivo, que culminou numa aliança matrimonial, um casamento festivo com a adoção parcial dos dois filhos de Anita.

As crianças tinham mais de dez anos quando Anita engravidou de seu terceiro filho e em seguida de seu quarto filho com o novo marido.

Ao consumir este relacionamento, as verdades relativas de cada um se uniram para dar força ao sistema familiar que construíram, o mito se mantinha para Anita e os segredos, também. Agora eram novos segredos que se acumulavam num silêncio trancado e seguro pela ausência.

Os dois últimos filhos cresceram acreditando que todos eram filhos do mesmo pai, ou seja, do pai deles, que apesar da diferença de idade, lhes foi contado apenas que muitos casais têm filhos com diferenças de idades por diversas razões. E assim cresceu o terceiro filho, Luca.

Mal sabia ele, que era o menino dos olhos do seu pai e depois do seu último irmão, porque eram os primeiros filhos de sangue dele. A vida continuou num ambiente tranquilo, sem questionamentos, os irmãos mais velhos mantinham-se fiéis aos segredos estipulados pela relação que fora construída, mantendo uma identidade e uma verdade relativa.

Luca nunca percebera qualquer diferença entre os quatro irmãos, todos eles carregavam o mesmo sobrenome, frequentavam a mesma escola, o mesmo clube, a mesma rede social de

amigos e familiares. Apesar da diferença de idade, eram muito unidos, prevalecia um respeito enorme entre eles e um carinho caloroso.

Clara também participava e contribuía para que o segredo, que agora era mais um, se perpetuasse através de seus filhos e do seu esposo, desconstruindo a verdade deles para que assumissem uma nova e única verdade permitida.

Todos cresceram sem saber da existência da família dos irmãos mais velhos, nem eles próprios sabiam que um dia iriam descobrir, muito mais velhos, que possuíam tios, primos e avós, assim como os mais novos descobririam que seus irmãos eram seus meios-irmãos, ou seja, irmãos só por parte da mãe.

Mais uma vez, segredos que precisam sobreviver e para tanto, separam as famílias para não quebrar o mito que havia sido construído. Aqui aparece um fato interessante quando é perguntado para um dos irmãos mais novos, Luca:

- Como você descobriu que seus irmãos mais velhos não eram filhos do seu pai?
- Vi num documento de identidade que o meu irmão com um sobrenome a mais que o meu!
- O que você fez?
- Nada.
- Por quê?
- Fui criado para não pensar demais!

Na realidade, não havia interesse algum em questionar a paternidade de seus irmãos, visto que fora criado para aceitar a verdade como única e sem discussão. Foram contadas histórias que, para eles, todos eram reais e não havia qualquer oportunidade de ser diferente e nem mesmo questionar a respeito de um passado que não lhes eram permitidos vivenciar. Era importante acreditarem no que lhes eram contados, eram fatos inegáveis que perpetuavam nas gerações seguintes.

Ponto final, qualquer fato que viesse à tona seria desculpado e explicado por causas inexistentes para dar suporte à uma verdade criada pela mãe e consentida pelo pai, mostrando uma lealdade

extremamente poderosa entre eles, algo que não precisava ser dito, eram apenas olhares trocados que não podiam ser decifrados, códigos não permitidos.

Voltando para a infância de Anita na Itália, lembrando do seu sistema familiar, podemos compreender a necessidade da manutenção de segredos para preservar os mitos transgeracionais e como se perpetuam aos descendentes e como é formado o mundo de cada um através de verdades relativas construídas, entrelaçadas com histórias tecidas nas dores do abandono, do desapego e das despedidas.

Os irmãos mais velhos mantiveram o laço que os unia através destas perdas e abandonos familiares e os mais novos, por sua vez, assumiram este lugar sem jamais questionar, aceitando as verdades e vivenciando os segredos.

Clara, por sua vez, casada e feliz com seus dois filhos, oferecia à Anita todo o suporte necessário para que o laço familiar permanecesse intacto. O pacto entre elas era forte — a lealdade, quase invisível, guiava suas ações, mesmo sem que percebessem. Mantinham um convívio constante, e os primos, por sua vez, davam continuidade a esse vínculo silencioso, reforçando as linhas invisíveis que sustentavam aquele sistema familiar coeso.

Como diria Bowen - 1991, as duas funcionavam como polos de um mesmo sistema emocional: a ansiedade de uma reverberava na outra, equilibrando-se num movimento sutil de interdependência. A diferenciação entre elas era mínima — cada uma carregava a dor e o destino da outra como se fossem um só corpo emocional.

Alguns anos depois, quando Anita já se estabilizara em seu novo casamento, o marido de Clara faleceu de um ataque fulminante do coração. O golpe financeiro sofrido pela família pouco antes havia deixado marcas profundas — e, segundo a leitura de Nagy - 1998, o campo da lealdade invisível se tornava ainda mais evidente: Clara e Anita mantinham um senso ético de reciprocidade e justiça que as fazia se revezar no cuidado, no sacrifício e na proteção uma da outra.

Anita, então, assumiu a dor da irmã como se fosse sua, tornando-se responsável pelos sobrinhos e pela viuvez de Clara. Mais uma vez, o sistema se reorganizava, criando um novo equilíbrio — ou, como descreve Mony Elkaïm - 1991, uma “nova coreografia emocional” em que cada membro ajustava seus passos para manter a coesão do grupo.

Os anos se passaram, os segredos permaneceram intactos, e todos seguiam leais à história familiar e ao pacto de silêncio que os unia. Nada poderia desestruturar aquela pequena constelação, que orbitava ao redor da ideia de pertencimento e de continuidade.

Foi então que Clara descobriu sofrer do Mal de Parkinson, uma doença neurológica crônica e progressiva, que afeta o sistema nervoso central e compromete os movimentos do corpo. O Parkinson, com sua lentidão e rigidez, parecia uma metáfora viva do que se passava no campo familiar: os fluxos emocionais tornavam-se lentos, os gestos medidos, a comunicação mais contida.

Clara, antes ativa e independente, agora se via frágil e dependente dos cuidados da família. A vida de todos havia mudado — mais uma vez. E, como num sistema em permanente reorganização, reinventavam papéis, ajustavam fronteiras e reafirmavam lealdades antigas. Permaneciam fiéis não apenas umas às outras, mas ao próprio mito familiar que as mantinha unidas, num pacto silencioso de amor, sacrifício e continuidade.

Mais uma vez, retornaram às suas vidas, os filhos já adultos seguiram seus caminhos, estudaram, se formaram, casaram e tiveram seus filhos.

A família crescia, aos olhos de Anita e Clara, estavam realizadas com a construção de um sistema que oferecia segurança. Apesar dos segredos se manterem apenas entre os membros da família, algo que fora estabelecido entre olhares e num silêncio que demonstrava uma exclusão real dos agregados, assim como os chamavam.

Não existia lugar algum para eles neste núcleo familiar, apenas a consanguinidade pertencia ao meio, os deixavam para fora deste sistema que acreditavam participar.

A falta de pertencimento criou uma distância significativa entre eles. Não faziam parte daquela lealdade silenciosa onde os segredos invisíveis permaneciam trancados a sete chaves. Havia pontes frágeis erguidas com esforço, mas sempre prestes a ruir. O distanciamento afetivo tornara-se uma constante, e os que vinham de fora — os chamados “agregados” — buscavam desesperadamente um espaço, uma forma de se sentirem vistos, reconhecidos, incluídos.

Na perspectiva da teoria sistêmica do pertencimento, todo membro de uma família, seja de sangue ou por vínculo afetivo, carrega uma necessidade profunda de ocupar um lugar legítimo no sistema. Quando esse lugar é negado ou desvalorizado, o sistema entra em desequilíbrio. É como se uma parte do todo ficasse em suspenso, pedindo reconhecimento.

Assim, os agregados, em suas tentativas de preencherem o vazio emocional e encontrarem um sentido de pertencimento, acabavam por repetir o padrão do sistema: aproximavam-se, mas também se distanciavam; queriam fazer parte, mas sentiam o peso invisível dos segredos e exclusões que permeavam a família. A lealdade invisível, como descreve Nagy - 1998, mantinha os vínculos originais protegidos — mas ao mesmo tempo impedia a verdadeira inclusão dos novos.

Um dia, Luca acordou com um telefonema de seu pai. Com um olhar preocupante, avisou a esposa que precisava ir à casa dos pais para resolver alguns assuntos. Estranhamente, a esposa percebeu que algo estava errado, buscou apoio nos agregados e resolveu ir também, após uma hora, à casa dos sogros. O que muito a chocou, pois a funcionária que acreditava que a esposa tinha conhecimento do que havia acontecido, disse:

- Não tive coragem de descer, ela está sozinha...
- Por quê? Perguntou a nora
- Ela pulou do terraço!!

Como poderiam manter uma dor tão grande neste segredo?

- Luca, por que não me falou o que aconteceu?
- Porque meu pai falou que não era para contar para ninguém!
- E eu sou o quê?

E numa voz que não saia, Luca desviou o olhar.

A sua esposa não era bem-vinda naquele momento, fora deixado bem claro que ninguém poderia saber o que havia acontecido, deveríamos dizer que ela havia falecido do coração!

Depois de alguns dias, os agregados souberam que Anita havia tentado por duas vezes, pular da sacada do terraço e que por sorte, seu marido havia conseguido evitar o suicídio, até fora internada com a desculpa de estar em exames. Nada adiantou, seu foco era claro, queria encerrar

a sua vida, encontrava-se numa enorme depressão, os segredos estavam vindo à tona, eram muitos questionamentos que a levavam para a dor no seu passado.

Fora decretado um silêncio eterno.....

Os descendentes por sua vez, resolveram manter o segredo, como um pacto de lealdade, a morte não era falada e a vida continuava sem sequer uma palavra entre eles sobre o assunto, inclusive pouco sabiam sobre a infância de Anita e Clara, marcada por separações e segredos, uma juventude dividida entre dores e alegrias que morreram com elas.

O mito familiar permanece até então, ou até quando algum membro resolver revelar o segredo.

10-

A vida percorria seu destino consolidando a lealdade familiar de Luca. Aqui cabe ressaltar a transgeracionalidade que atesta as gerações de Anita.

Luca se tornou um empresário de sucesso, sua vida manteve o percurso, sempre envolto em silêncios, era como se nada houvesse acontecido, estava tão enraizado dentro dele, que todos estes segredos acabaram por serem revelados pela esposa aos filhos, ao se separarem.

Ele ainda mantém esta lealdade em seu novo relacionamento, nada é compartilhado sobre suas histórias, como se iniciasse um novo livro, desta vez apenas contado o que lhe interessava para manter o seu sistema familiar operando.

Possui três filhos, todos casados hoje em dia. Eles herdaram este silêncio, uns mais que outros, a distância emocional é o motor para manterem-se pertencendo a este sistema. Nada é questionado, apenas aceito.

Um dia a ex-esposa resolveu contar sobre a morte da avó deles, algo que trabalhou em terapia para entender que não era mais o seu segredo, não pertencia mais a este sistema familiar e sua lealdade era agora mais forte com os seus.

Chamou os três e disse:

- Preciso contar um segredo que venho guardando a anos e que acredito ser importante para uma nova releitura de vocês sobre a dinâmica da família do seu pai!

Todos ficaram quietos, prontos para ouvirem o que sua mãe tinha a dizer... e assim contou sobre o episódio da morte da Nonna, revelando o segredo guardado por quase 25 anos: ela havia cometido suicídio.

A lealdade era tão grande que, mesmo depois de saberem, continuaram em silêncio.

A mãe pergunta:

- Alguma pergunta? Querem saber mais alguma coisa sobre a Nonna de vocês?
- Não, responderam eles.

E assim como foi revelado o segredo, eles mudaram de assunto e não quiseram mais saber de nada, ou seja, continuavam leais ao segredo do pai. O fato de saberem sobre a morte praticamente, de início não mostrou nenhuma reação e alguma reflexão aparente.

O mais velho perguntou:

- Mas qual o objetivo desta conversa? Para mim não muda nada, eu tinha dois anos de idade, mal me lembro dela, tanto faz como morreu e como foi a sua vida na Itália.
- Exato, disse a mais nova, para que tudo isso? Tenho tanto a fazer e pensar...

O filho do meio interveio:

- Obrigado, mãe.

E assim terminou uma conversa, que pareciam que seriam horas, em apenas alguns minutos.

Mais uma vez percebe-se a continuidade dos paradigmas da família paterna. Para pertencerem a este sistema, eles precisam permanecer neste lugar de silêncio.

Luca casou-se novamente, agora com uma mulher divorciada e uma filha de nove anos. Tudo se repetia — um espelho da própria história — assim como o seu pai, que um dia também se casara com sua mãe, já com dois filhos pequenos. O ciclo sistêmico parecia se perpetuar, como se uma força invisível o conduzisse a repetir o padrão herdado, num movimento de lealdade invisível, como descreve Nagy – 1998.

Os filhos de Luca, sem compreender a dimensão desse emaranhado, tiveram que aceitar a nova configuração familiar sem questionar. A inclusão de um novo membro ocorreu sem que houvesse um pedido de permissão simbólico — algo essencial no campo sistêmico para manter o pertencimento e o equilíbrio das hierarquias, segundo Hellinger.

Forçados a se adaptar ao sistema criado pelo pai — o seu mundo — os filhos precisaram desenvolver suas próprias ferramentas emocionais para lidar com a perda de espaço, com o deslocamento de seus lugares originais. A chegada da nova esposa e da enteada rompeu, de certo modo, o ordenamento do sistema, no qual cada um tinha um lugar e uma prioridade que precisava ser reconhecida para que o amor e sentimento de pertencimento fluísse.

Um dia, a filha mais velha disse, com a maturidade precoce de quem precisou se reorganizar internamente para sobreviver:

- Eu já aceitei o fato de que sou a segunda família do meu pai.

A sua mãe surpresa, lhe perguntou:

- Como assim?
- Assim... — respondeu a menina. — Não quero sofrer, nem criar expectativas. Não quero sentir que meu lugar foi ocupado pela filha da mulher dele. Minha vida tem que continuar.

A frase da menina ecoava como uma síntese do sistema: a exclusão e a desordem hierárquica transformadas em conformismo. Ela buscava, sem saber, restabelecer dentro de si um senso de pertencimento que o sistema não lhe oferecera. Seu gesto era também uma tentativa de interromper o ciclo — de não repetir a dor herdada, mas reconhecê-la.

O silêncio que se instaurou entre pai e filhos não era apenas ausência de palavras, mas uma linguagem familiar antiga, repetida em gerações anteriores — uma forma inconsciente de dizer — “é assim que se ama, mesmo quando se perde”.

No sistema familiar, segundo Murray Bowen - 1991, quando não há diferenciação do self, os indivíduos tendem a fundir suas emoções com as dos outros, reproduzindo lealdades e padrões herdados. Luca, sem perceber, estava enredado na teia de expectativas e papéis que herdara de seu próprio pai.

Ao refazer sua vida, ele não apenas construía um novo casamento — ele também reencenava o enredo que conhecia: o de substituir um vínculo sem elaborar o anterior, o de seguir em frente sem olhar para trás. Essa dinâmica, comum nos sistemas familiares que vivem lutos não resolvidos, produz exclusões silenciosas, aonde o novo chega, mas o antigo nunca se despede.

Os filhos, por sua vez, ficaram presos entre dois mundos sistêmicos: o desejo de pertencimento e medo da exclusão. Como descreve Ivan Boszormenyi-Nagy, 1998 a lealdade invisível entre pais e filhos é um vínculo de justiça emocional — um equilíbrio de dar e receber. Quando o pai rompe o elo sem reconhecer a dor que causa, instala-se uma dívida relacional. E os filhos,

muitas vezes, tentam compensar esse desequilíbrio com renúncia: deixam de pedir, de reclamar, de sentir, para preservar o vínculo e manter o amor do pai.

A filha mais nova, ao dizer “sou a segunda família do meu pai”, não expressava apenas resignação — ela mostrava uma consciência sistêmica precoce, uma percepção de que os lugares dentro daquele sistema estavam confusos. De alguma forma, ela percebia o desequilíbrio hierárquico e o preço emocional de manter a harmonia aparente.

No olhar de Bert Hellinger -1998, o amor precisa de ordem para fluir. Quando o sistema não respeita o lugar de cada um — os filhos que vieram antes, o primeiro casamento, os laços interrompidos — o amor se transforma em dor. O que não é visto busca ser visto, o que é excluído clama por retorno. Assim, os filhos de Luca, sem saber, tornaram-se os portadores do que havia sido abandonado.

Entre a necessidade de pertencer e o medo de perder o amor do pai, eles criaram uma forma silenciosa de existência: obedeceram à nova estrutura, mas apagaram partes de si. E é nesse apagamento que mora a repetição — o mesmo movimento que um dia Luca e Anita viveram, e que agora se perpetua, como um eco familiar.

Romper esse ciclo exigiria um encontro com seu mundo. Exigiria que Luca olhasse para trás — para o pai, para a mãe, para a história, para os lugares que nunca foram reconhecidos — e dissesse, dentro de si: “Agora eu vejo”. Porque, no campo das famílias, apenas o que é visto e considerado pode descansar.

Sandra Fedullo Colombo - 2014, ressalta em *Autonomia versus Pertencimento – Uma interrogação*: “Em outra dimensão, pensando na família como um segmento socioafetivo e cultural de uma determinada sociedade, acredito que represente valores e necessidades também desse mundo mais amplo, ao mesmo tempo em que é continente da memória transgeracional daquele grupo particular, que, com seus anseios e mitos, prepara novos participantes para o jogo social tanto no micro quanto no macrocosmo.

O processo de pertencer e diferenciar-se é constituído concomitantemente nas esferas intrapsíquica e interpssíquica, pois todo acontecimento humano se dá em uma relação entre humanos, guardando em si a dimensão relacional íntima, na continuação dos modelos mais primários de afeto e amor. – Winnicott -1995; Bowlby - 1988; Stern - 1997.

Da mesma maneira, as famílias, segmentos conservadores da sociedade, cuja função é preparar pessoas para participarem daquele universo sociocultural, só poderiam reconhecer, na dimensão do pertencimento, indivíduos replicadores dos valores e mitos daquela sociedade e daquele grupo particular e não co-constructores e críticos do processo social e relacional onde estão inseridos?

Neste processo de herança, como traçar um caminho de autonomia e individuação?

A terceira filha sentia a necessidade em diferenciar-se da sua família, a busca pela independência financeira desde menina, uma determinação em buscar o seu caminho diferente daquele que conhecia, a doença do irmão do meio na infância, a perda de dinheiro durante a sua adolescência, a separação dos pais aos 18 anos e o câncer da mãe trouxeram dores que a puxavam para a fusão familiar e ela precisava construir uma nova individualidade.

O filho do meio buscou refúgio no esporte, participando de torneios internacionais e o sonho em fazer parte de uma equipe numa universidade americana. Foi aos 18 anos, construiu uma vida, também na busca de sua identidade, procurando se desvincular de histórias para se sentir parte de outra. Estudou, jogou golfe, namorou e casou-se com uma americana, vive nos USA há 15 anos buscando seu caminho de autonomia.

O filho mais velho, por sua vez, ficou e assumiu a responsabilidade invisível da mãe, manteve-se presente para preencher o vazio deixado por tantos acontecimentos. A decisão de trabalhar com o pai foi certa, foi a forma encontrada para tentar resgatar o seu mundo, mesmo tendo que dividir um espaço considerável com a nova família do pai, o escritório era o único espaço que ele se sentia pertencendo ao seu sistema familiar.

Os três, de forma única, buscam o encontro com eles mesmos e com seus mundos. Estão casados, procurando construir suas próprias histórias, porém mantendo uma lealdade invisível aos seus ancestrais.

Os silêncios e segredos são forças fusionais que trabalham para calar as vozes da diferenciação e autonomia. Será que esta quarta geração conseguiu transformar a herança do silêncio das perdas, separações e abandono em forças de diferenciação e autonomia? Onde a lealdade ao pertencimento, o respeito às dores da história não signifique a paralização do tempo, mas sim a transformação dos recursos e a autorização do viver? Será que os três netos de Anita e filhos de Luca estarão livres para celebrarem com orgulho suas histórias transgeracionais?

Acreditamos que a paralização no tempo da dor, do abandono e da vergonha é a força sistêmica que impede a ampliação para a construção de outras realidades. Assim, consideramos o segredo familiar um paralizador do tempo e de novas possibilidades de construção da realidade.

Quando abrimos os segredos de Anita e Clara para os netos de Anita, talvez tenhamos autorizado o pertencimento sem a paralização do tempo e então, a possibilidade de transformação do destino.

São quatro gerações que perpetuam o mito do silêncio para fortalecerem o pertencimento. E agora, com o nascimento do neto que carrega o nome do avô, esta lealdade permanecerá na próxima geração?

BIBLIOGRAFIA

BOSZORMENYI-NAGY, Ivan; SPARK, Geraldine M. *Lealdades invisíveis: reciprocidade intergeracional na terapia familiar*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOWEN, Murray. *De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós, 1991.

BOWEN, Murray. *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson, 1978.

BRADSHAW, John. *O retorno ao lar: curando e resgatando seu eu interior*. São Paulo: Rocco, 1992.

COLOMBO, Sandra Fedullo. *Autonomia versus pertencimento? Uma interrogação, cap 4, Terapia de Família com Adolescentes*, CASTANHO, Gisela M. Pires e Dias, Maria Luiza. São Paulo: Rocco, 2014

DALAI LAMA. *A arte da felicidade: um manual para a vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

ELKAÏM, Mony. *Se você me ama, não me ame*. São Paulo: Summus, 1991.

ELKAÏM, Mony. *As ilusões necessárias: a construção do sentido na família*. São Paulo: Summus, 2009.

FERREIRA, Maria Lucia Homem. *O filho eterno: o desejo, o amor e a herança psíquica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FERREIRA, Maria Lucia Homem. *Luto e melancolia hoje: o sujeito contemporâneo e a herança psíquica*. São Paulo: Todavia, 2021.

HELLINGER, Bert. *Ordens do amor: um guia para o trabalho com constelações familiares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HELLINGER, Bert. *Constelações familiares: o reconhecimento das ordens do amor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

IMBER-BLACK, Evan. *Segredos de família: o poder dos segredos na vida familiar e na terapia*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. São Paulo: Vozes, 1982.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 1982.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias e terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 1990.

PARK, Ruth. *Família e transformação: histórias de vínculos e afetos*. Lisboa: Presença, 2005. (*Obs.: verificar edição exata — algumas edições em português de Portugal.*)

RUFFIOT, André. “O aparelho psíquico familiar e os organizadores inconscientes da vida conjugal”. In: *[Título da obra ou periódico]*. [Local]: [Editora ou periódico], 1981.

RUFUS, Tony. *Segredos de família: histórias que se repetem*. Lisboa: Gradiva, 2008. (*Obra associada à linha psicodinâmica sistêmica; verificar edição lusófona.*)

SATIR, Virginia. *Terapia do grupo familiar*. São Paulo: Summus, 1988.

SPARK, Geraldine M. *Família e justiça relacional: perspectivas da terapia contextual*. Nova York: Jason Aronson, 1985. (*obra complementar à de Nagy, sem tradução integral no Brasil.*)

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.